



## Varal de memórias e afetos

### *Clothesline of memories and affections*

Jorge Ribeiro\*

**Resumo:** Nessa crônica de memórias e afetos, faço minha adesão às homenagens ao Prof. Dr. Pe. Edênio dos Reis Valle, docente na PUC-SP desde 1971 e falecido em 28/10/2023. Com o Prof. Dr. José Queiroz, implantou e foi docente no Programa de Pós em Ciência da Religião desta Universidade, além de vice-reitor comunitário nas duas gestões Nadir Kfourri (1977-1984). Meu objetivo é dar voz ao amor silencioso de membros da comunidade universitária por Edênio. Ao pendurar suas memórias e seus afetos mais pessoais no varal oferecido, os puquianos delinearão uma face mais íntima de nosso homenageado, inacessível para currículos sistemáticos. Segui três etapas. Na primeira, coletei manifestações, que me chegavam através da mídia social e sobretudo de depoimentos face a face. Na segunda etapa, procurei organizar o material coletado; entretanto, dada sua característica existencial, eventualmente segui uma lógica pouco cartesiana. A terceira etapa foi produzir um texto final capaz de harmonizar as contribuições recebidas, que complementei com minhas lembranças pessoais. Este texto está dividido em três partes: 1. Princípios; 2. Culminâncias; 3. Planície. Nele se mesclam fragmentos biográficos, a ditadura militar no Brasil, a trajetória de resistência e democracia da PUC-SP. São ressaltados momentos como o Ciclo Básico, a invasão policial do câmpus e o incêndio do teatro Tuca. Destaque para a contribuição de personalidades como o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, da então reitora Nadir Kfourri, dos vice-reitores Marcos Masetto e Antônio Severino e da reitora Maria Amalia Andery (2020-2024). Preciosos depoimentos de docentes, funcionários, estudantes e colaboradores.

**Palavras-chave:** PUC-SP. Resistência. Democracia. Memória. Afetos.

**Abstract:** In this chronicle of memories and affections, I pay tribute to Prof. Dr. Fr. Edênio dos Reis Valle, who was teacher at PUC-SP since 1971 and died on 10/28/2023. With Prof. Dr. José Queiroz, he implemented and taught in the Postgraduate Program in Study of Religion at this University, and was community vice-rector during the two Nadir Kfourri administrations (1977-1984). My goal is to give voice to the silent love of members of the university community for Edênio. By hanging their memories and their most personal affections on the clothesline offered, "Puquians" outlined a more intimate face of our honoree, inaccessible to systematic curricula. I followed three steps. In the first one, I collected manifestations, which reached me through social media and, above all, through face-to-face testimonies. In the second stage, I tried to organize the collected material; however, given its existential characteristic, occasionally I could not follow a Cartesian logic. The third step was to produce a final text capable of harmonizing the contributions received, which I complemented with my personal memories. This text is divided into three parts: 1. Principles; 2. Culminations; 3. Plain. It combines biographical fragments, the military dictatorship in Brazil, the trajectory of resistance and democracy at PUC-SP, highlighting moments such as the Basic Cycle, the police invasion of the campus and the fire at the Tuca theater. Emphasis is given to the contribution of personalities such as Cardinal Dom Paulo Evaristo Arns, the then rector Nadir Kfourri, the vice-rectors Marcos Masetto and Antônio Severino and the rector Maria Amalia Andery (2020-2024). Precious testimonials from teachers, staff, students and collaborators.

**Keywords:** PUC-SP. Resistance. Democracy. Memory. Affections.

---

\* Professor aposentado da PUC-SP (São Paulo, SP). ORCID: 0009-0000-4227-6417 – contato: [joca.olhodagua@gmail.com](mailto:joca.olhodagua@gmail.com)

## Introdução

Quem frequentou quintais na infância, decerto se recorda dos varais dispostos naqueles espaços. Em dias propícios, ali eram penduradas e exibidas as roupas recém-lavadas das famílias, roupas do dia-a-dia, roupas de festejar e de rezar. A luz e calor do astro divino abençoava, quarava e secava aqueles panos e véus, de variados formatos, tamanhos e tons – de azul, verde, laranja, amarelo, branco e... flicts! O vento macio, sensação intangível e Espírito que sopra onde quer, botava as roupas pra dançar, sem soltá-las (quase sempre) dos fios em que estavam estendidas. Dispostos em diversos níveis e alturas, os varais formavam labirintos a propiciar viagens traquinas em que nos perdíamos e, por vezes, nossos pés e mãos salpicavam de chão.

A metáfora do varal<sup>1</sup> regeu a composição desta mais que justa homenagem ao Prof. Dr. Pe. Edênio dos Reis Valle. Aponto alguns fios condutores que ele estendeu na PUC-SP. Aqui, a par de orientar e influenciar multidão, ele participou da idealização do Ciclo Básico (1971), onde também lecionou; com José Queiroz, implantou e foi docente no Programa de Pós em Ciência da Religião (1978); foi vice-reitor comunitário nas duas gestões Nadir Kfourri (1977-1984). Por tantas contribuições, premonitória, esta Universidade outorgou-lhe o título de professor emérito em 28/10/2015. Exatos oito anos antes de seu falecimento.

A atuação inspiradora de Edênio foi além dos limites acadêmicos. Entretanto, restrinjo-me aqui a este nosso “quintal”. Meu objetivo agora é, tal como o Profeta de Gibran da epígrafe, dar voz ao amor silencioso – nosso amor – por ele, em sua partida. Ao pendurar suas memórias e seus afetos mais pessoais no varal aqui oferecido, os puquianos delinearam uma face mais íntima de nosso homenageado, inacessível para currículos sistemáticos.

Como empreendi essa tarefa? Segui três etapas, assim como Edênio adorava dividir suas reflexões. Na primeira etapa, coletei manifestações, que me chegavam através da mídia social e sobretudo de depoimentos face a face que me foram gentilmente concedidos. Na segunda etapa, procurei organizar os “panos” coletados; mas, dada sua característica existencial, eventualmente precisei seguir um roteiro labiríntico, pouco cartesiano. Terceira etapa foi dependurar tamanha diversidade de memórias e afetos num texto final que harmonizasse tudo isso.

Este texto está também atravessado por três fios condutores: 1. Princípios; 2. Culminâncias; 3. Planície. Vamos a eles.

## Princípios

Possuído por duas exigentes vocações – sacerdote e professor – Edênio esteve presente em incontáveis princípios. Alguns deles afloram nos testemunhos que colhi; também afloram em minhas lembranças.

---

1 Colhi inspiração na coleção “Varais e jardins” do amigo pintor Renato Maia, a quem agradeço.

*Princípio de laços conjugais*

Em 1969, o professor Marcos Masetto era companheiro de Edênio na PUC-SP e numa “república” de padres na rua Apinagés, em Perdizes. Em determinado momento, Marcos deixou o sacerdócio. Casou-se com Dayse. Edênio abençoou a união. No devido tempo, chegaram Ana Helena, Victor e o neto Bernardo.

Em 1976, saí do Rio de Janeiro e vim lecionar aqui, a convite do Edênio, meu ex-professor. Ele me apresentou a Masetto, coordenador da disciplina Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo (PFTHC). Fui aceito. Ao final daquele ano, Maria Inês e eu nos casamos. Edênio foi um dos celebrantes, ao lado de mais um padre e dois bispos! No sermão, enalteceu a causa latino-americana. Tempos de Teologia da Libertação. União fecunda, geramos Tiago, Raquel e Daniel.

*Princípio de vida, mesmo*

A sobrinha Évy Rodrigues se despede: “Parece que foi ontem, tio, que você esteve no hospital para ver meu filho nascer. Disse que o último evento importante da sua vida foi a chegada do meu filho. Hoje ele vai fazer dez meses e estamos sem você”.

Em 1983, nosso caçula Daniel teve um nascimento complicado, permanecendo vários dias na incubadora. Seu estado piorou. As enfermeiras avisaram: “Talvez ele não passe dessa noite. É bom vocês trazerem um padre”. Aflitos, procuramos Edênio, pedimos que batizasse o menino com urgência. Sim. Imediatamente o levamos ao hospital, e mais a professora e amiga Elza de Oliveira Dias, que estava junto e virou madrinha. Dia seguinte, nosso garotinho já dava sinais de franca recuperação e, por determinação do pediatra, foi logo para casa.

*Princípio de promissoras carreiras docentes*

Em 1971, a professora Yvone Avelino, de História, fora cassada na USP, pelo AI-5. Entrou na PUC-SP pelas mãos das professoras Irmã Leda Rodrigues e Estefânia Fraga. Ao chegar, impressionou-se com Edênio: “Era um homem muito fino, e intelectual sério, com visão acadêmica de futuro”. Logo nas primeiras conversas, ele provocou: “Temos um Departamento de História, mas vocês ainda não fizeram a história desta Instituição”. Desse modo, ele despertou em Yvone o gosto pela História Oral: “Deu-me um grande presente”. Ela conclui: “Assim era seu modo de agir – incentivava e apoiava. Eu admirava sua estatura superior e postura humilde”.

O professor Eulálio Figueira, de Créditos Teológicos, partiu de Portugal, sua terra. Chegou ao Paraguai, estagiar como missionário na Congregação do Verbo Divino. Lá se encontrou com o confrade, que sugeriu sua vinda ao Brasil. Veio.

Eulálio ressalta a personalidade simples e afável de Edênio: “Tinha enorme generosidade, sempre dispunha de imensurável tempo para ouvir e dar alguma sugestão”. Nas conversas despontava sua mineirice: “Saíamos sempre com a sensação de que o resultado a que havíamos chegado foi nossa decisão, mesmo sabendo que o mestre nos conduzira”.

Em 1985, os dois moravam em Santo Amaro. Ao passar por seu quarto com a porta entreaberta, Edênio pediu licença. Entrou, passou os olhos pela estante. Comentou: “Vejo aqui grandes clássicos de teologia, filosofia e sociologia, mas não encontrei nenhuma obra que retrate a alma brasileira”. Essa fala ainda ecoa em Eulálio: “Fez enorme ruído em minha cabeça. Todos os dias estou atento para a alma brasileira presente nas ruas, nas pessoas e histórias vivas”.

Chegando ao Brasil com um doutorado recém-defendido na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris, a professora Maria José Rosado foi acolhida no Programa de Ciência da Religião, por Edênio e Queiroz. Eles precisaram superar vários obstáculos: “Terei sempre uma dívida para com eles”. Socióloga, Zeca avalia: “Reconhecido pela comunidade acadêmica, em momentos delicados, Edênio fez a ponte entre esta Universidade e a Fundação São Paulo”. Ela reverencia sua memória “por suas características pessoais, de acolhimento e respeito, e pela atuação na PUC- SP”.

Participando da Pastoral Universitária da Arquidiocese, o professor Eduardo Cruz às vezes encontrava Edênio. Era 1977, nosso homenageado era vice-reitor comunitário e também desenvolvia atividades acadêmicas, sendo reconhecido em ambas as áreas.

Ano seguinte, o Pe. Mauro Batista, confrade do Edênio e responsável pela disciplina PFTHC no câmpus Paranaguá, convidou Eduardo a ministrar essa disciplina. “Ninguém me disse, mas tenho certeza de que havia o dedo do Pe. Edênio nesse convite. Sua figura me ajudou a escolher a PUC-SP como local exclusivo de docência”.

Eduardo admirava sua vivacidade e versatilidade intelectuais: “Ele sempre estava pronto a desenvolver áreas interessantes de pesquisa em nossa área e a colaborar com as publicações na área”. Sua mineirice se manifestava nas reuniões do colegiado: “Diante de algum assunto controverso, na maioria das vezes ele se limitava a ouvir as discussões. Ao final, apresentava uma proposta sensata, que agradava a gregos e troianos. Espantoso seu respeito pelos pares”.

O professor Wagner Sanchez, hoje coordenador no Pós em Ciência da Religião, assessorava a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição; conhecia Edênio apenas de longe, através do enorme apreço das religiosas por ele. Quando ambos participavam de alguma banca, Wagner se encantava com seu conhecimento amplo e detalhado sobre tudo, e com o empenho em ajudar o candidato a aprimorar seu projeto.

Mais tarde, Wagner ingressou no Programa, tornando-se colega de Edênio. Certa vez, deu-lhe carona e a conversa fluíu: “Ele estava preocupado com os rumos da Igreja Católica, achando que ela deveria pensar fora de esquemas rígidos. Com franqueza, considerava balela classificar como evangelização o trabalho de colégios católicos dedicados a alunos de elite”. Wagner guarda a memória de uma pessoa sensível e perspicaz.

Em 1978, a professora Maria Amália Andery foi admitida para lecionar a disciplina de Metodologia Científica, no Ciclo Básico. Tinha 24 anos. Logo se impressionou com o professor Casemiro, vice-reitor acadêmico, e com o Pe. Edênio, vice comunitário: “Ele sempre estava ao lado da reitora Nadir Kfoury. Era o ponto de equilíbrio na PUC-SP, numa época agitada, cheia de disputas. Em 1983, cheguei a vê-lo apartando briga física entre os integrantes do CA Leão XIII e os da Atlética”.

Amália se recorda que Edênio se interessava por todo mundo, sabia quem era quem nos campi. “Certa vez, tarde da noite, eu cumpria fielmente meu plantão na

sala da Metodologia. O telefone tocou. Atendi: ‘Oi. Preciso ir para casa e liguei em vários setores, mas não encontrei ninguém. Posso deixar com você a chave do prédio da Reitoria? Amanhã você devolve’. Podia, claro. Ele me entregou uma chave imensa e a responsabilidade pela Instituição”.

Segundo Amália, “Edênio sabia negociar; mas tinha lado. Minha geração aprendeu isso com ele. Ajudou a construir nossa identidade, que se mantém aberta, humanista e comunitária”. Com o tempo, Amália tomou conhecimento de seu relevante papel na Igreja Católica, em parceria com Dom Paulo Evaristo.

Na outorga do título de professor emérito, enquanto representante do Conselho Universitário, ela saudou Edênio: “Para mim, foi significativo prestar reconhecimento a alguém tão relevante para todos nós”. Em 2016, quando foi candidata pela primeira vez ao cargo de reitora, Amália recebeu seu apoio público: “Isso me trouxe grande alegria, pois sempre respeitei sua dimensão intelectual e política”. Amália foi eleita em dois pleitos.

Já caminhando para o final de sua vida, Edênio tinha contato frequente com a chefe de gabinete, professora Mariângela Belfiore – era muito amigo dela e de seu marido, o ex-reitor Luiz Eduardo Wanderley. Sempre perguntava por Amália: “Ele sabia construir e conservar afetos”.

### *Semeador de projetos*

O Ciclo Básico (1971-1987) foi uma inovação marcante na prática educacional e política desta Universidade. Edênio participou de sua concepção: “Fiquei sabendo da experiência da reforma universitária, sobretudo por Marcos Masetto e uma série de professores... Eu comecei a participar dos grupos de reflexão e, em 1971, quando foi iniciado o Básico, eu passei efetivamente a ser professor na PUC-SP”.

Estruturado com base na interdisciplinaridade, o Básico integrava cinco disciplinas comuns – PFTHC; Antropologia e Realidade Brasileira; Psicologia; Metodologia Científica; Comunicação e Expressão Verbal – oferecidas a classes que mesclavam alunos de vários cursos. Inspirado nas propostas de Paulo Freire, esse projeto enfatizava a relação professor-aluno; emulando os círculos de cultura freireanos, valorizava o debate e a participação dos jovens.

Estudantes daquela época se recordam da atuação de Edênio. Assim, Bruno Blecher, jornalista especializado em agronegócio, economia e meio ambiente: “Padre Edênio foi meu grande mestre de filosofia no Ciclo Básico, em 1975. Dois anos depois, como vice-reitor, deu total apoio aos estudantes e professores durante a invasão pela polícia da Ditadura. Lembro dele com muito carinho e respeito”.

A fonoaudióloga e professora na PUC-SP, Kathryn Harrison relata: “Enquanto estudei aqui, em 1975-78, algumas figuras iluminaram meu caminhar acadêmico, profissional e social. Uma delas, minha eterna reitora, Nadir Kfoury; outro, Padre Edênio. Quando nossa Universidade foi invadida, ambos nos deram apoio e proteção”.

Edênio também ajudou a amadurecer a proposta da disciplina de Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo (PFTHC). Marcos Masetto, hoje

professor em Educação e Currículo, antigo coordenador de PFTHC e depois do Básico, explicita o espírito daquela época: “Conheci Edênio lá em 1969, vejam só. Junto com Mauro Batista, formamos uma pequena comunidade de sacerdotes. Engajei-me numa dinâmica que unia o aspecto existencial, pastoral, acadêmico e a resistência à Ditadura”.

Marcos prossegue: “O fantástico nisso é que éramos verdadeiras pessoas, convivendo como irmãos, compartilhando refeições, nossas vidas e trabalho. Sempre generoso, Edênio era a alma de um grupo que, a seguir, incorporou o Walmir Gomes, José Augusto Chiavegato, Paulo Carleti e José Queiroz, então sacerdotes”.

Esses parceiros inspiraram-se nas conclusões do Concílio Vaticano II (1962-1965) e da reunião dos bispos latino-americanos em Medellín (1968), baseando-se na experiência da JUC – Juventude Universitária Católica. Pretendiam que a PUC-SP, enquanto organização acadêmica, incorporasse a mensagem evangélica em seu ensino, pesquisa e ação na sociedade, guiada pela mística da justiça social.

“Quando o Ciclo Básico foi implantado”, diz Masetto, “nosso grupo já estava consolidado e se inseriu rapidamente no conjunto de disciplinas que integravam o projeto. Esse tempo me marcou demais”.

Quando o câmpus foi invadido por forças policiais, ao lado da reitora Nadir, Edênio e outros tantos, Masetto deu apoio aos estudantes e a suas famílias. No incêndio do Tuca, fizeram o mesmo. Marcos era vice-reitor administrativo e foi encarregado da reconstrução do teatro.

Após exercer a função de vice-reitor comunitário, Edênio dedicou-se mais à direção da Congregação do Verbo Divino e a outros projetos. Masetto e ele perderam o contato frequente, só se encontrando nos dias em que suas aulas coincidiam. “Permaneceu nossa profunda amizade”.

## Culminâncias

A “Era Nadir Kfourri” (1977-1984) é apontada como um dos pontos mais altos da história da PUC-SP, que se consolidou internamente como espaço democrático e como bastião da resistência democrática na sociedade brasileira. Para sua primeira gestão, Nadir foi nomeada pelo Grão-Chanceler, o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns. Foi a primeira mulher no mundo a tornar-se reitora de uma universidade católica. Para a segunda gestão, em 1980, Nadir foi eleita pela comunidade. Nesses oito anos, ela teve em Edênio, seu vice-reitor comunitário, inestimável parceiro.

Segundo o professor Edson Passetti, de Antropologia, nosso homenageado “foi um tónus da vida livre, antes, durante e depois da gestão Nadir”. Sua colega de departamento, Silvia Borelli, concorda: “A história da PUC-SP não seria a mesma sem Pe. Edênio!”. Para Cláudio Antônio Sperafico, ex-aluno da FEA e ex-funcionário na década de 1980, “ele era a essência da alma e vocação histórica desta Instituição”.

Esta Universidade enfrentou a Ditadura em diversos níveis. Cotidianamente, nas livres manifestações da comunidade; nas aulas onde se cultivava o pensamento crítico; ao contratar docentes atingidos pelo AI-5; em julho de 1977, acolhendo a 29ª Reunião Anual da SBPC, proibida em instituições federais.

No dia 22/9/1977, a PUC-SP viveu uma culminância às avessas ao ser invadida por tropas policiais comandadas por Erasmo Dias, secretário estadual da Segurança. Foi uma retaliação contra esta Universidade e contra o 3º Encontro Nacional dos Estudantes, realizado secretamente naquele dia em salas da Monte Alegre. Na ocasião, foi reorganizada a União Nacional dos Estudantes, perseguida pelos militares.

À noite, policiais provocaram pânico generalizado ao dissolver ato público em frente ao Tuca, com bombas de gás lacrimogêneo e outros artefatos e ao invadir salas de aula e agredir estudantes, professores e funcionários com cassetetes. Alunas foram gravemente queimadas e cerca de 900 estudantes detidos e recolhidos no Batalhão Tobias de Aguiar. No calor dos acontecimentos, visivelmente indignados, Nadir e Edênio deram solene encarada em Erasmo Dias. A reitora negou-se a dar-lhe a mão. Disse apenas: “Vocês não são bem-vindos aqui. No câmpus só entra quem tem nossa autorização ou foi aprovado no vestibular”.

Dia seguinte, Mario Sergio Cortella, então docente de PFTHC, topou com Edênio no corredor do Prédio Velho: “Supondo que ele estava transtornado, abordei-o também um pouco exaltado. De forma sutil e gentil, colocou a mão no meu ombro, dizendo: ‘Calma, professor, a serenidade é mais eficaz que a sofreguidão’”. Mineirice em altíssimo nível; Gandhi não faria melhor.

Desde Roma, Dom Paulo manifestou sua repulsa e, de volta cinco dias depois, visitou o câmpus. “É verdade que sobrou essa juventude boa, animada. Mas é lamentável o que aconteceu, uma coisa triste, bárbara”, declarou à TV.

### *Tripé*

Nos oito anos à frente da Vice-Reitoria Comunitária, Edênio apoiou sua ação em três [...] eixos que interagiam. O Instituto de Estudos Especiais (IEE), a cargo do nosso José Queiroz, promovia, no Tuca, encontros orientados pelas pautas de Dom Paulo, centradas nos direitos humanos, periferia; o Tuca, liderado pela inesquecível Samira Chalhub, era palco de eventos do IEE e de espetáculos e artistas críticos à Ditadura; a Assessoria de Imprensa e Comunicação, que chefei, produzia o tabloide *Porandubas*, que reportava isso tudo e mais um pouco.

Logo que assumiu o cargo, em 1977, Edênio me propôs: “Você toparia criar um novo jornal para nossa comunidade?” Ele era meu orientador no mestrado em Filosofia da Educação; desde o ano anterior eu lecionava no Básico (legal, mas me entediava com o excesso de reuniões) e estava prestes a me formar em jornalismo pela ECA/USP. Aceitei aquela oportunidade de ouro, sem vacilar. No restaurante “A Toca”, na Rua Turiaçu, fizemos reunião com Sérgio Gomes, jornalista e meu amigo, e o escritor Fernando Morais, anos mais tarde autor de “Olga”. Discutimos propostas e Edênio sugeriu que o jornal se chamasse *Porandubas*, palavra tupi-guarani que significa “causo”. Mais um batizado em seu currículo vital.

*Porandubas* não praticava o servilismo de jornais institucionais. Tínhamos uma visão crítica, com tendência à esquerda, próxima da comunidade a que nos dirigíamos. Inspirados em *O Pasquim*, adotávamos uma linguagem ora séria, ora escrachada.

A Reitoria fazia vista grossa para nossas maluquices, enquanto os leitores adoravam. Responsável último pela publicação, discretíssimo, Edênio me fornecia informações, soprava sugestões e as acatava. Raramente aparecia nas páginas do jornal.

Três dias após a agressão de Erasmo Dias, e fruto de trabalho insano de nossa equipe, lá estava impressa uma edição especial do *Porandubas*. Quente como um jornal diário, apesar da periodicidade mensal. Cauteloso, Edênio me disse: “Segure um pouco essa edição, pois os gorilas podem nos invadir de novo e você vai preso!”. Imagino por que ele disse isso. Recentemente, a professora Yvone Avelino me revelou que, depois da invasão, um amigo dela lhe pedira para alertar Edênio que Erasmo Dias estava de olho nele. Tempos perigosos.

Ordens são para ser obedecidas, certo? Humm... Como um cachorro ganindo para sair à rua, os pacotes nos olhavam ansiosos, suplicando para serem abertos e correrem pelas rampas e corredores. E nós de mãos atadas... Ah, danem-se as ordens! Cortamos os barbantes e espalhamos os exemplares do primeiro pacote. Esperamos. Ninguém foi preso. Abrimos os demais. Num único dia, a enorme tiragem extra inundou o câmpus. Edênio foi à Redação aprovar nossa desobediência e transmitiu-nos os cumprimentos da reitora. Ainda hoje há quem se lembre do *Porandubas* e o consulte na mostra virtual.

Alguns meses após a invasão, saiu o documentário “Não se cala a consciência de um povo”, que concebi e dirigi em colaboração da Verbo Filmes, pertencente à congregação do Edênio – sempre ele... O filme está disponível no Youtube.

### *Segundo mandato*

No segundo mandato (1980-1984), Nadir Kfourri manteve Edênio na equipe da Reitoria e incorporou os professores Marcos Masetto, vice-reitor administrativo e Antônio Severino, vice-reitor acadêmico.

Este se recorda que, graças à orientação de Nadir, “muitas demandas da direção geral desta Instituição clamavam a tomada coletiva de decisões. Mesmo em semanas mais calmas, a reunião da Reitoria ocorria sempre às quintas-feiras. Religiosamente”.

Nessas reuniões, lembra Severino, “todos participávamos dos debates e da tomada de decisões relacionadas a todos os assuntos. Éramos ouvidos e nos manifestávamos a respeito de tudo”. Nesses momentos, a estrela do vice comunitário brilhava: “Ele tinha papel decisivo, articulando os posicionamentos de toda nossa equipe. Impressionante a lucidez de suas considerações”.

Severino conta que o parceiro estruturava argumentos em três (*ahá!*) partes, “como se todas as questões pudessem sempre ser abordadas sob três perspectivas, sob três ângulos, que tanto podiam se contrapor como se compor, complementando-se mutuamente”.

Mas o discurso de Edênio ia além da argumentação: “Era sempre possível perceber nele a sensibilidade para o ponto de vista do outro, sua capacidade de acolhimento de demandas, fosse de alunos, funcionários ou professores”. Essa atitude ficava clara no âmbito da vida comunitária, que envolvia questões humanas delicadas, para as quais nem sempre havia soluções administrativas. Seus encaminhamentos, diz Severino, “eram fundamentados por grande senso de justiça e solidariedade. Ele era muito acolhedor



das pessoas em situações de maior vulnerabilidade, muitas vezes superando o conforto das palavras e levando apoios concretos”.

Em meados de 1983, o vice acadêmico foi convocado alta noite para lidar com uma turma de estudantes que, machados na mão, ameaçavam arrombar a porta da Reitoria, para ocupá-la: “Consegui evitar o pior e, mediante uma negociação de emergência, entreguei-lhes a chave, desde que se comprometessem a não depredar as instalações. As negociações continuaram nos dias seguintes e, nelas, Edênio teve papel de extrema importância”.

Severino afirma que, por sua visão humanística, o colega concebia a educação universitária como poderosa mediação na transformação da vida: “Para tanto, apoiava-se em argumentações não só teológicas, mas também filosóficas e até mesmo científicas, tal era a erudição cultural de que dispunha”.

O grande evento – aliás, anti-evento – que marcou o final do segundo mandato de Dona Nadir ocorreu em 22/9/1984, exatos sete anos após a invasão. Foi o incêndio criminoso do Tuca, mais um que a Ditadura ateou. Imediatamente a Reitoria, a comunidade universitária e a sociedade civil se mobilizaram para protestar e reconstruir aquele Templo da Resistência Democrática. A campanha, denominada “SOS Tuca”, foi coordenada por Marcos Masetto. Sobre tudo isso, produzimos edições extras do *Porandubas*; também dirigi o documentário “Tuca Videobra”, com a colaboração da TV Globo. Está disponível no Youtube.

Passada essa fase, Severino foi lecionar na USP e na Uninove. Enriqueceu-se na convivência e no diálogo com Edênio, além da leitura de seus escritos: “Ele me deixou um legado pelo qual sou agradecido, pois muito me marcou, contribuindo significativamente para o aprofundamento de minha visão da vida universitária”.

O carmelita Frei Gilvander Moreira avalia: “Edênio nos inspira no caminho da libertação. Deixou extraordinário legado ético, teológico, pastoral e de compromisso com a construção do Reino de Deus a partir do aqui-e-agora, desde os/as injustiçados/as”.

Lúcia Helena Rangel, professora de Antropologia e militante da causa indígena, relata episódio revelador: “A coordenadora do Conselho Indigenista Missionário me pediu um auxílio para alimentar 40 caingangues de Santa Catarina, de passagem para Brasília. Que fazer com tanta gente? No restaurante universitário não dava. Apelei para o Edênio. Sem titubear, assinou um cheque “em branco”, indicando que alimentasse os índios no Bar Cardoso, que ficava na esquina entre as ruas Monte Alegre e Caiubi. Foi o que fiz. Não me esqueço desse episódio”.

Na avaliação da professora Adriana Rocha, “ele representou a resistência à Ditadura. O fato de lecionar numa Instituição que faz pontes (“Pontifícia”) representa também o amor, laço mais resistente e forte que o ser humano preserva”. Cláudio Sperafico acrescenta: “Padre Edênio era o destinatário dos requerimentos dos alunos necessitados de bolsa de estudos. Ele sempre dava um jeito de atender, parcial ou integralmente. Representava, na prática, a concretização do amor à educação e ao conhecimento”. Fernando Possato, graduado em Pedagogia e mestre em Filosofia da Educação, saúda: “Meu grande professor e conselheiro! Precisei muito de teus conselhos e lucidez. Te amamos muito”. Mariajose Saless sintetiza: “Pe. Edênio foi um grande guerreiro, pessoa maravilhosa”.

## Planície

Passados os trepidantes “anos Nadir”, Edênio direcionou sua energia para atividades mais discretas, e não menos intensas. Continuou a lecionar Psicologia da Religião no Pós em Ciência da Religião, que havia criado e coordenado. Orientou gerações de mestrandos e doutorandos, desenvolveu pesquisas sobre as relações entre psicologia e experiência religiosa, e integrou o corpo editorial de sólidas publicações. Em mais de cem artigos e dezenas de livros abordou os desafios do catolicismo, a vida consagrada e a educação da juventude universitária. Tratou da sexualidade de religiosos, do abuso de menores e advogou o pedido público de perdão da Igreja Católica pela pedofilia.

O professor Kazumi Munakata foi coordenador do Pós em Educação: História, Política, Sociedade (EHPS), num período de reformas institucionais, em que a Fundação São Paulo pretendia atribuir-se novas funções. A Comissão Geral de Pós-Graduação debatia o novo estatuto da PUC-SP encaminhado pela Fundasp. Kazumi questionou a definição proposta para esta Universidade: regida pelo Direito Canônico e pela Constituição Federal do Brasil, orientada pela doutrina católica. Argumentou: “Num país laico, a Lei de Deus não pode sobrepor-se à Lei dos Homens, e o Direito Canônico deve conformar-se à Constituição Federal e não o contrário”. Integrantes da comissão rebateram: “A Igreja Católica é dona desta Universidade e pode fazer com ela o que quiser”. Balbúrdia. Edênio pediu a palavra: “Mesmo sendo padre, considero inapropriada a precedência dada ao Direito Canônico e discordo da expressão ‘doutrina católica’, por ser excessivamente excludente e impositiva. Sugiro manter a fórmula vigente nos estatutos atuais, que mencionam ‘princípios do humanismo cristão’”. Conclusão: embora aprovada a expressão “doutrina católica”, a alusão ao Direito Canônico foi retirada.

No nível do cotidiano, a atenta assistente de coordenação, Andreia Bisuli de Souza, descreve como ele tratava as pessoas: “Pe. Edênio era muito humano para ouvir e dialogar, tanto sobre as atividades de trabalho como da vida. Tive com ele grandes aprendizados e partilhas. Estava sempre à disposição para conversar e ensinar a quem precisasse. Deixou um legado para as novas gerações em livros, aulas e conselhos. Guardo muitas saudades dele”.

Rosa Eliza da Silva foi sua orientanda no mestrado em Ciência da Religião. Conheceu-o quando ela participava de um grupo de estudos formado por psicólogos. Edênio propôs a criação de um Instituto voltado para o atendimento a integrantes da vida religiosa. Surgiu o Instituto Terapêutico Acolher – ITA. “Sempre o admirei por sua liderança, inteligência, formação acadêmica e cultural, e por sua capacidade de juntar diferentes em torno de um projeto único”. Rosa conclui: “Eu gostava de conversar com ele sobre qualquer assunto, apreciando seu jeito mineiro de contar histórias”.

O psicólogo Ênio Brito Pinto foi orientando de Edênio no doutorado. Durante muitos anos de convivência, Ênio aprendeu a admirar a amorosidade mineira daquele profissional atento, desejoso de saber, corajoso e ético. Mas o que Ênio mais valoriza foram os encontros informais: “Eram suas melhores lições e provocações, a crítica bem fundamentada às instituições humanas, o contato com uma cultura pessoal extremamente rica”. Nestas boas prosas, brilhava o homem dotado de uma fé crítica e,

ao mesmo tempo, simples: “Ele me inspirou a esperança. Sou-lhe muito grato! Sei que Deus o acolheu, feliz!”.

Saboroso acaso aconteceu em 2002 no saguão do aeroporto da Pampulha. Mario Sergio Cortella saudou em voz alta: “Viva, Padre Edênio!”. Um senhor ao lado intrometeu-se: “Não gosto de padres”. Edênio, autêntico e sem elevar o tom, respondeu: “De alguns poucos, nem eu gosto; de muitos outros, sou admirador”. Silenciou a inconveniência.

No dia 28/10/2015, por minha iniciativa, a PUC-SP outorgou a Edênio o título de professor emérito. Feliz, “feliz” repeti, fui honrado em fazer sua saudação. Agraciado na mesma ocasião, José Queiroz foi saudado pela professora Maria Luiza Guedes.

Da planície, vamos descendo até o vale.

A amiga Eliana Massih, professora e cofundadora do ITA, pendura no varal de afetos uma das derradeiras, e mais doces, memórias. Era tarde de quarta-feira, a terceira de outubro de 2023.

Nos últimos tempos, era comum Edênio telefonar-lhe, perguntando se topava encontrá-lo para um café. Costumavam visitar o Museu do Ipiranga, ora permanecendo no jardim, ora subindo até o mirante. Do alto, aquele amante da cidade de São Paulo discorria sobre as localidades em que morou e exerceu o magistério: “Sempre tinha uma história para contar”.

Naquela última tarde em que se viram, ele propôs uma mudança. Sim. “Fomos ao Museu de Zoologia da USP, também no Ipiranga. Ele admirou a organização. Leu cada descrição dos animais. Comentou que o esqueleto de dinossauro dali não era tão grande quanto o de Nova York, mas estava bem preservado”.

À saída, deram um tempo numa doceria francesa. Ele queria degustar um *apfelstrudel* e um café. Eliana avisou que o estabelecimento era francês: pediram, então, uma fatia de *tarte tatin*. “Vamos dividir, estou diabético”, ele disse. Enquanto ela comentava sobre algo que estava escrevendo, “sem que percebêssemos, ele comeu a fatia toda. Rimos”. Na saída da doceria, Edênio dirigiu-se em francês ao atendente. Que cortou o barato: “Não entendo essa língua... desculpe”. Mais risos.

Ao chegarem à estação de metrô Alto do Ipiranga, Edênio saiu com agilidade do carro de Eliana: “No topo da escada, seu celular caiu, ele se abaixou, pegou-o e completou a descida. Daí a dez dias, ele subia”.

Silenciosa prece: “Até breve. Vai meu amigo, e conta essa história de risos aí no céu”.

Em 29/10/2023. Missa de corpo presente. O superior da comunidade relata a prosa com Edênio, no almoço do dia anterior, e suas últimas palavras: “Perguntei-lhe se queria tomar cerveja. Ele aceitou: ‘Uma cervejinha vai bem’”.

Mas não a tomou.

Sopra brisa suave.

## Referências

DIAS AVELINO, Yvone; FROTA, Luciana (orgs). No laboratório das palavras – História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Coletânea de Documentos (1979-1985). Fortaleza: SOCER, 2015, p. 422

Recebido em: 22/01/2024

Aprovado em: 16/07/2024

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Fábio L. Stern.